

## NOTA EDITORIAL

Mais um número da Revista *Metamorfoses* chega ao espaço virtual. Publicação da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros, da Faculdade de Letras da UFRJ, a revista conta com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Desde sempre dedicada aos estudos das literaturas de Língua Portuguesa, a revista, neste número, mais uma vez cumpre o objetivo traçado desde a sua primeira publicação, em 1999. Pesquisadores, jovens ou mais experientes, contribuem para o que entendendo será decisivo para o sucesso deste volume: a qualidade dos ensaios aqui publicados. E como, neste ano de 2023, celebra-se o centenário de nascimento “de um poeta que se dedicou a uma experiência de afirmação revoltada da liberdade, do amor, do desejo e da poesia”, a esse poeta cabe a nossa homenagem, que se concretiza no dossiê que fazemos publicar. O homenageado é Mário Cesariny de Vasconcelos, poeta nascido em Lisboa, responsável pela organização do movimento surrealista em Portugal e um de seus mais significativos representantes.

Coube a Maria Silva Prado Lessa, Professora Doutora em Literatura Portuguesa pela UFRJ, que atualmente desenvolve pesquisa supervisionado de pós-doutorado na mesma Universidade, e a Júlia Pinheiro Gomes, Doutora em Literatura Portuguesa pela UFRJ e Professora Adjunta de Literatura Portuguesa na Universidade Federal da Bahia – UFBA, ambas especialistas na obra do poeta, a organização desse dossiê. Também a ambas coube a apresentação dos artigos que o compõem, que privilegiam o estudo da obra de Cesariny do ponto de vista da indissociabilidade entre o fazer poético e o trabalho crítico, da consideração das múltiplas faces de sua poesia, da relação interartes, do recurso às entrevistas por ele concedidas, fundamentais para refletir sobre a questão da temporalidade ocidental, da permanência do Surrealismo na literatura portuguesa contemporânea. Encerram o dossiê com uma entrevista de Cesariny, concedida em 1978 a Francisco Belard,

Este número da *Metamorfoses* traz ainda uma seção vária com textos preciosos. Recuperamos uma conferência de Helder Macedo, proferida no II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ (II CIFALE), em 2013, cuja transcrição, já publicada, não estava acessível há alguns anos. Em interlocução com Laura Padilha e Jorge Fernandes da Silveira, o escritor reconhece questões e procedimentos caros à sua

escrita poética e ficcional, oferecendo aos leitores um olhar autorreflexivo sobre sua obra. Ainda no espaço da narrativa portuguesa, publicamos um texto de Isabel Pires de Lima sobre o romance *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida, originalmente apresentado num congresso da Associação Internacional de Lusitanistas (AIL) e ainda inédito em meio impresso ou virtual. A análise atenta aos movimentos do romance, à construção de suas personagens e à sua elaboração poética da linguagem dá a ver como a ficção de Djaimilia engendra uma importante reflexão sobre os trânsitos pós-coloniais e as reconfigurações identitárias que promovem.

No âmbito da literatura brasileira, o ensaio de Amanda Dib faz uma leitura virtuosamente tateante de *A paixão segundo G.H.*. Guiado pelo tema da cegueira, retomado de Derrida, e sondando suas implicações sobre a construção de cenas, personagens, imagens e da própria linguagem ficcional, o mergulho na narrativa de Clarice Lispector ilumina, sem corrompê-los, os princípios de escuridão, de não saber e de erro/errância que a suportam. Na sequência, é uma epígrafe de Clarice que abre o artigo de Bruno Santos Pereira da Silva sobre o conto “Morangos mofados”, de Caio Fernando Abreu. Aí se desenvolve uma leitura muito rigorosa e belamente construída da narrativa curta, atenta à sua estrutura, ao seu lugar no livro de que faz parte e na obra mais vasta do autor, bem como aos diálogos intertextuais que estabelece e seus modos de ressonância.

O olhar rigoroso e poético é também a marca da leitura que Philippe Barcellos Barros propõe para um poema de Ana Martins Marques, em que identifica o tema da ruína, estudado a partir das reflexões contemporâneas de Sophie Lacroix e Georges Didi-Huberman. O artigo combina leitura cerrada e pensamento teórico numa muito bem conseguida articulação crítica. Por fim, consumando o convívio da teoria e da poesia, em inseparável intimidade, Davi Andrade Pimentel lê a poesia brasileira contemporânea de Amara Moira e Angélica Freitas com o ensaio *O riso da Medusa*, de Hélène Cixous, escrito e publicado em francês nos anos 1970, e recentemente traduzido para o português. O artigo mostra como as questões de gênero atravessam tempos, línguas, gêneros textuais (ou *sexuais*, para nos aproximarmos da questão), em gestos de permanência, atualização, repercussão.

Na seção Resenhas, Cátia Canedo apresenta o livro *100 Anos do Livro de magoas. Releituras da obra de Florbela Espanca*, organizado por Maria Lúcia Dal Farra, Ana Luísa Vilela, Fabio Mario da Silva e Rosa Fina, a partir do congresso internacional

realizado em Portugal para celebrar o centenário do livro de Florbela. A resenha aponta os temas tratados pelos diferentes estudiosos da obra da poetisa, mostrando faces diversas de sua obra e as muito variadas reflexões que provoca. Fechando a revista com modulações de permanência e renovação, Júlia Goulart e João Victor Sanches da Matta Machado fazem uma bela leitura da nova edição, ampliada, do livro de Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco, *A magia das letras africanas*, muito significativamente publicado pela Editora Kapulana, em 2021. Explorando a magia do encontro fortuito do nome da editora e dos gestos da autora, que costura, borda, examina a tessitura dos textos angolanos e moçambicanos, em ensaios cuidadosa e amorosamente urdidos, a resenha mostra o papel fundador, permanente e prospectivo desse livro incontornável para o estudo das literaturas africanas de língua portuguesa. É mesmo uma Kapulana, um “pano crítico” que dá a ver a fibra, as tramas, as dobras, as muitas imagens que essas literaturas criam, velando e desvelando histórias, identidades, tradições, tempos, espaços, ideias, gentes, culturas.

Assim se organiza este número da *Metamorfoses*, que chega ao leitor interessado nos estudos literários e certamente lhe proporcionará uma proveitosa, enriquecedora e sobretudo prazerosa leitura.

Luci Ruas  
Mônica Genelhu Fagundes